

COLETA DE DADOS: UMA EXPERIÊNCIA PARA O ENSINO E A PESQUISA

Ana Lúcia Cardoso Kirchof¹, Tânia Solange Bosi de Souza Magnago², Silviamar Camponogara³, Francine Cassol Prestes⁴, Raquel Soares Kirchof⁵

RESUMO: A pesquisa tem sido uma forte aliada na qualificação da assistência à saúde ao proporcionar a reflexão sobre a prática realizada. Este texto tem como propósito demonstrar a importância da participação de acadêmicos em pesquisa, ao proporcionar tanto a convivência com as questões advindas das relações profissionais quanto com aspectos relacionados a execução de um projeto de investigação. Para tanto, são detalhadas a capacitação dos entrevistadores, os desafios de uma coleta de dados e os ganhos trazidos pela experiência de ser um acadêmico/entrevistador. Este relato mostra que as experiências teórico-práticas oportunizadas pelo currículo da graduação alcançam um diferencial de conhecimento a acadêmicos e professores se complementadas com experiências em pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Estudantes de enfermagem; Coleta de dados; Educação em enfermagem.

DATA COLLECTION: AN EXPERIENCE FOR TEACHING AND FOR RESEARCH

ABSTRACT: Research has been a strong ally to the improvement of health care quality by providing reflection concerning different practices. The objective of this text is to demonstrate the importance of the participation of academics in research, providing both by living with the resulting questions of professional relationships and the aspects related to the execution of an investigative project. In order to do so, the capacitation of interviewers, the challenges of data collection, and the benefits earned by the experience of being an academic/researcher are detailed. This report shows that the theoretical-practical experiences achieved during the undergraduate curriculum create a differential of knowledge for academics and professors, if complemented with research experiences.

KEYWORDS: Nursing; Students, nursing; Data collection; Education, nursing.

COLECTA DE DATOS: UNA EXPERIENCIA PARA LA ENSEÑANZA Y LA INVESTIGACIÓN

RESUMEN: La investigación ha sido una fuerte aliada en la mejoría de la asistencia a la salud al proporcionar una reflexión sobre la práctica realizada. Este texto tiene el propósito de demostrar la importancia de la participación de académicos en investigación, al proporcionar tanto la convivencia con las cuestiones provenientes de las relaciones profesionales como con aspectos relacionados a la ejecución de un proyecto de investigación. Para esto, son detalladas la capacitación de los entrevistadores, los desafíos de una colecta de datos y los aportes traídos por la experiencia de ser un académico/entrevistador. Este relato muestra que las experiencias teórico-prácticas ofrecidas por el currículo de la graduación alcanzan un diferencial de conocimiento a académicos y profesores si complementadas con experiencias e investigación.

PALABRAS CLAVE: Enfermería; Estudiantes de enfermería; Recolección de datos; Educación en enfermería.

¹Doutora em Enfermagem. Pesquisadora Visitante da Universidade Federal do Paraná-UFPR. Professora aposentada do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC.

²Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria-UFSM-RS.

³Doutora em Enfermagem. Professora Adjunto do Departamento de Enfermagem da UFSM-RS.

⁴Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSM-RS.

⁵Enfermeira. Especializanda em Urgência e Emergência pela Universidade de Caxias do Sul-UCS-RS.

Autor correspondente:

Ana Lúcia Cardoso Kirchof

Rua Vereador Ramon Filomeno, 183 - 88034-495 - Florianópolis-SC

E-mail: kirchof@terra.com.br

Recebido: 16/07/09

Aprovado: 30/09/09

A EXPERIÊNCIA E SEU CONTEXTO

O desenvolvimento de pesquisa, como parte do ensino de graduação no Brasil tem sido uma prática cada vez mais comum. O entendimento de que o ensino não pode se dar de forma dissociada da problematização da realidade em que o acadêmico está inserido, tem possibilitado o fomento da pesquisa em cursos de graduação⁽¹⁻³⁾. Isto também está aliado à compreensão de que o desenvolvimento de uma área do conhecimento e de uma profissão dar-se-ão mediante conhecimentos que tenham potencialidade para geração de novas abordagens e, assim, atendam as demandas da contemporaneidade, além de proporcionar a participação dos sujeitos que a constituem⁽⁴⁻⁵⁾. Esta é a marca da modernidade, que exige um posicionamento diante da realidade marcado pela criatividade, pela condição do sujeito enquanto ser histórico capaz de efetivar seu próprio projeto de desenvolvimento, o que depende, inclusive, da atitude de pesquisa⁽⁶⁾.

Com base nisso, apresentamos esta experiência de coleta de dados realizada no período de fevereiro à agosto de 2006, em um hospital universitário do Sul do Brasil. Tal experiência fez parte de um projeto multicêntrico desenvolvido em três hospitais universitários do Sudeste e Sul do país, com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, Brasil. O objetivo é partilhar esta experiência com vistas a estimular a participação de acadêmicos de graduação em pesquisas, bem como, ressaltar a importância da etapa de coleta de dados. Para tal, detalharemos o processo de capacitação dos entrevistadores e a realização da coleta de dados propriamente dita, entremeadas com reflexões sobre este processo.

No campo de pesquisa em questão, a coleta de dados foi realizada por um grupo de nove entrevistadoras, acadêmicas de graduação em enfermagem, que foram previamente capacitadas. A população alvo estava constituída por 528 trabalhadores de enfermagem, distribuídos nos seguintes setores de trabalho: clínica cirúrgica, clínica médica, pediatria, unidades de terapia intensiva, pronto atendimento, centro obstétrico e unidade toco-ginecológica, ambulatórios e setor administrativo, centro cirúrgico, sala de recuperação, centro de material e esterilização, unidade hemato-oncológica e psiquiatria. Cada entrevistadora ficou responsável por entrevistar 55 trabalhadores, em média.

Após o processo de capacitação, as entrevistadoras deram início à coleta de dados, quando tiveram a oportunidade de confrontar-se não só com o aprendizado que haviam tido, mas com uma série de outras questões, inerentes a um trabalho de pesquisa. Consideramos a reflexão sobre este processo fundamental, no sentido de contribuir para a incorporação da pesquisa ao cotidiano acadêmico e profissional. Neste sentido, entendemos que a pesquisa é um processo social que perpassa a vida acadêmica, atingindo tanto o professor como o acadêmico, devendo configurar-se como descoberta e criação⁽⁷⁾.

A CAPACITAÇÃO DE ENTREVISTADORES PARA A COLETA DOS DADOS

A capacitação dos entrevistadores para participação em uma pesquisa é fundamental, no sentido de possibilitar que os envolvidos tomem conhecimento de todo o processo. Um fator importante a ser demarcado diz respeito ao conhecimento do contexto e estrutura da pesquisa, sua inserção na realidade em estudo, peculiaridades relacionadas ao campo e sujeitos, a fim de que todos tenham uma visão geral do processo. Além disso, oportuniza a uniformidade de informações, o que é importante não só para a etapa de coleta, mas para as que se seguem na pesquisa. De uma forma geral, a capacitação adequadamente planejada e conduzida oferece aos participantes a condição de co-participes em todo o processo e, com isso, maior garantia de sucesso da pesquisa e de aprendizado para os envolvidos.

A capacitação dos entrevistadores contou com um planejamento que teve como pressuposto essencial, o de constituir-se espaço dialógico para a problematização da realidade a ser conhecida e gradual inserção dos entrevistadores como sujeitos do processo. Uma das tarefas essenciais da prática educativo-crítica é oportunizar condições para que os educandos, a partir de sua relação com os outros, ensaiem a experiência de assumir-se⁽⁸⁾. Neste caso, assumir-se como entrevistador comprometido com a pesquisa e com o próprio processo de aprendizagem. Para isso, criar um espaço dialógico de horizontalidade e criticidade é imprescindível⁽⁹⁾.

Foram realizados encontros semanais com a supervisora de pesquisa, ressaltando que, para além da instrumentação técnica para o desenvolvimento da coleta de dados, tinham o objetivo de permitir a ampla participação dos entrevistadores. Assim, poderiam

expressar dúvidas, opiniões, experiências anteriores, sentimentos vivenciados, com a finalidade de construir um processo de colaboração entre todos e de real aprendizado em pesquisa. A capacitação foi dividida em três etapas: apresentação de projeto e leitura de documentos pertinentes; dramatização da coleta de dados; e, desenvolvimento do teste piloto.

A primeira reunião teve o objetivo de fazer uma apresentação do grupo e projeto de pesquisa, principalmente do instrumento de coleta de dados. Num segundo momento, as entrevistadoras receberam o Manual do Entrevistador (elaborado com o intuito de facilitar a coleta de dados e uniformizar as informações nos diferentes campos de pesquisa) e, posteriormente, todas as perguntas foram lidas de modo que, simultaneamente, as entrevistadoras consultassem as observações contidas no Manual a respeito de cada questão. Cada entrevistadora recebeu um “kit” do entrevistador, o qual constava de uma pasta com os instrumentos de coleta de dados, Manual do Entrevistador, lápis e borracha, além de material de identificação para cada entrevistador.

No segundo encontro, o grupo recebeu a orientação de como proceder diante do entrevistado. Em geral, foram tratados temas como: abordagem do entrevistado a partir da identificação pessoal do entrevistador, atuação com relação ao agendamento da entrevista e de como proceder a fim de não induzir as respostas do entrevistado.

Nesse mesmo encontro foi realizada uma dramatização de entrevista, por duas acadêmicas (entrevistadora e entrevistada). Como parte da simulação, a colega do grupo que representou o papel de entrevistada, apresentou dificuldades durante a entrevista como, por exemplo, não entender determinadas perguntas e fazer diversas indagações. Esse exercício objetivou simular possíveis situações que poderiam ser encontradas em campo, melhorando a qualidade do dado coletado. No final deste encontro foram definidas as estratégias de realização do teste piloto. A realização do teste piloto é fundamental nas pesquisas de campo, especialmente quando são utilizados extensos instrumentos de coleta de dados. Embora a maioria dos pesquisadores considere, como principal objetivo desta etapa a testagem do instrumento, é conveniente ressaltar sua importância também para a capacitação de entrevistadores. A capacitação teve sequência com a realização de duas entrevistas por entrevistador em um setor específico do hospital.

Por meio deste teste, os entrevistadores, além de pontuarem questões operacionais relacionadas à aplicação do instrumento, tiveram uma vivência real do contexto que encontrariam posteriormente. Foram anotados: tempo de duração, questões de difícil entendimento, dificuldades de cada entrevistador para abordagem do entrevistado e aplicação do instrumento e sentimentos despertados. Cada teste foi assistido pela supervisora de pesquisa, que fez as observações necessárias. As dificuldades encontradas na realização do teste piloto foram as esperadas, tais como: falta de prática no manuseio do instrumento, falta de fluência e insegurança inicial, que não chegou a comprometer a realização da atividade.

Em geral, a realização do teste piloto foi de grande valia, pois permitiu que as entrevistadoras pudessem vivenciar a melhor maneira de realizar determinadas perguntas e de como manejar adequadamente o Manual do Entrevistador. Possibilitou ainda uma avaliação crítica da supervisora de pesquisa a respeito de aspectos que deveriam ser melhorados. Cabe ressaltar que, embora o teste piloto tenha significado o encerramento formal do processo de capacitação, este teve sequência ao longo da coleta de dados, visto que sempre surgem novas questões a serem discutidas e re-orientadas. Sobre isso falaremos a seguir.

A realidade da coleta de dados

A etapa de coleta de dados é uma das mais importantes em todo o processo de pesquisa. Precisa ser adequadamente planejada no intuito de minimizar eventuais falhas e ter maior garantia de sucesso. A ideia de que o processo de capacitação dos entrevistadores não se encerrava no estudo piloto, perdurou ao longo da coleta. Para tanto, foram mantidos encontros semanais entre entrevistadores e supervisor de pesquisa, nos quais havia o espaço para que fossem compartilhadas experiências, dificuldades, facilidades, além do estabelecimento de estratégias conjuntas de ação.

Ao iniciar a coleta de dados houve um confronto mais intenso com a tarefa que os entrevistadores teriam pela frente. Nas primeiras entrevistas, surgiu a maior dificuldade: receio de trabalhar com pesquisa e abordar os trabalhadores. Para minimizar este receio, o supervisor fez um contato prévio com cada chefia de unidade, visando facilitar o acesso das entrevistadoras ao campo e maior divulgação da coleta. Isto colaborou positivamente,

tendo em vista que houve maior receptividade pelas chefias e pelos trabalhadores.

Assim, após os primeiros contatos, a maior parte dos trabalhadores já sabia algo a respeito da pesquisa, inclusive que era extensa. Uma estratégia discutida pelo grupo para minimizar este impacto foi a de revelar que o instrumento era realmente extenso e informando uma estimativa do tempo de duração da entrevista. Em geral, o objetivo de ter um número mínimo de perdas foi alcançado e o fator “extensão do instrumento e duração da entrevista” não interferiu significativamente. Foram consideradas “perdas” todas aquelas pessoas que se negassem a participar do projeto ou se não houvesse condições de entrevistá-las. No computo geral do estudo, houve 7% de perdas.

Durante os seis meses de coleta de dados, foram entrevistados diferentes trabalhadores, que receberam o convite para participação na pesquisa de formas variadas. Alguns foram gentis e ajudavam a motivar outros trabalhadores a responder a pesquisa. Outros, no entanto, eram hostis, o que acabava por desmotivar o entrevistador. Neste sentido, as reuniões semanais foram fundamentais, pois permitiam que as experiências fossem reveladas, discutidas, explorando-se um foco de análise que sustentasse a melhor conduta e um retorno mais encorajado ao campo de coleta. Havia ajuda mútua entre os participantes do grupo de entrevistadores, buscando a melhor maneira de lidar com determinadas situações.

Apesar de cansativa, podemos dizer que a coleta dos dados foi relativamente fácil. Muitos fatores facilitadores permitiram um bom andamento e um número abaixo do esperado de perdas, dentre eles: os enfermeiros chefes que organizaram sua equipe de maneira que todos pudessem participar, realizando um agendamento prévio; e o conhecimento que muitos trabalhadores tinham sobre a supervisora de pesquisa, o que os motivou a responder a entrevista de maneira espontânea.

Porém, algumas dificuldades se fizeram presentes como, por exemplo, as mudanças na escala de trabalho. Outro ponto que merece destaque neste processo de coleta é o fato que, muitos trabalhadores, ao serem entrevistados, pareciam estar ‘desabafando’, pois falavam de suas tristezas, decepções, insatisfações e problemas encontrados na unidade de trabalho. Outros falavam de problemas domésticos ou da vontade de mudar de setor e de dificuldades de relacionamento com a equipe e/ou chefe. Dessa forma, o momento de entrevista teve, para alguns trabalhadores, a função de

favorecer a reflexão sobre o seu cotidiano de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo, considera-se que a participação dos acadêmicos na fase de coleta de dados foi uma experiência diferenciada durante a graduação em enfermagem, tanto pela inserção efetiva em atividades de pesquisa quanto pela oportunidade de ouvir os trabalhadores durante a coleta dos dados. Essa oportunidade efetivou-se por meio do instrumento de coleta de dados e contribuiu significativamente para o processo de educação em enfermagem, uma vez que o contato precoce com questões relacionadas ao contexto de trabalho suscitou nos acadêmicos a necessidade de compartilhar e refletir sobre suas experiências junto às supervisoras nas reuniões semanais do grupo.

REFERÊNCIAS

1. Rees C, Shepherd M. Students' and assessors' attitudes towards students' self-assessment of their personal and professional behaviours. *Med Educ.* 2005;39:30-9.
2. Camargo Jr. KR, Coeli CM. Theory in practice: why “Good Medicine” and “Scientific Medicine” are not necessarily the same thing. *Adv Health Sc Educ.* 2006;11(1):77-89.
3. Carvalho J, Casarin RG, Knopf LA, Krahl M, Poletto DS, Sobiesiak EF, et al. Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. *Rev Bras Enferm.* 2009;62(1):146-50.
4. Erdmann AL. Pesquisando em saúde e enfermagem. *Texto Contexto Enferm.* 2006;15(4):547-52.
5. Mishima AS, Almeida MCP, Villa TCS, Fortuna CM, Kimura MLR, Ferreira MJB. A relação universidade e serviços de saúde – construindo possibilidades de trabalho. *Rev Latino-Am Enferm.* 1997;5(2):17-22.
6. Demo P. Desafios modernos da educação. 4ª ed. Petrópolis: Vozes; 1996.
7. Demo P. Pesquisa: princípio científico e educativo. 9ª ed. São Paulo: Cortez; 2002.
8. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. 29ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 1996.
9. Freire P. Educação como prática da liberdade. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1994.